

LITERATURA E LINGUÍSTICA NA ERA DA IA: ASSISTÊNCIA À ESCRITA E O IMPACTO NA CRIATIVIDADE NO ENSINO

Mbiavanga Adão Garcia

Resumo: Este artigo explora o papel da inteligência artificial (IA) na escrita acadêmica e suas consequências para a criatividade e autoria original dos estudantes. Fundamentado em autores como Barthes, Foucault e Adorno, o estudo analisa como a IA modifica o aprendizado e desafia a autoria tradicional. Por meio de análise documental e entrevistas com educadores, identificou-se que, embora a IA facilite o acesso ao conhecimento e a produção textual, pode também desencorajar a autonomia e o pensamento crítico. O artigo destaca a necessidade de regulamentação ética e pedagógica para garantir que a IA seja usada de modo equilibrado e enriquecedor na educação, preservando a criatividade e autenticidade dos alunos. Conclui-se que a IA deve ser utilizada com discernimento, sempre valorizando a autonomia e autoria original.

Palavras-chave: Inteligência artificial. Educação. Autoria. Criatividade. Regulamentação ética.

LITERATURE AND LINGUISTICS IN THE AI ERA: WRITING ASSISTANCE AND THE IMPACT ON CREATIVITY IN EDUCATION

Abstract: This article explores the role of artificial intelligence (AI) in academic writing and its consequences for students' creativity and original authorship. Based on authors such as Barthes, Foucault and Adorno, the study analyzes how AI modifies learning and challenges traditional authorship. Through document analysis and interviews with educators, it was identified that, although AI facilitates access to knowledge and textual production, it can also discourage autonomy and critical thinking. The article highlights the need for ethical and pedagogical regulation to ensure that AI is used in a balanced and enriching way in education, preserving students' creativity and authenticity. It is concluded that AI must be used with discernment, always valuing autonomy and original authorship.

Keywords: Artificial intelligence. Education. Authorship. Creativity. Ethical regulation.

Introdução

A crescente interação entre literatura, linguística e inteligência artificial no contexto educacional, explora tanto as promessas quanto os desafios apresentados por essas tecnologias. Ao longo do desenvolvimento da linguagem e dos estudos literários, observa-se que a aplicação da tecnologia digital, especialmente da inteligência artificial (ChatGPT), tem transformado os modos de escrever, aprender e ensinar. Nos tempos recentes, as ferramentas de IA se consolidaram não apenas como instrumentos de apoio acadêmico, mas também como elementos que desativam uma reavaliação ética e crítica sobre sua interferência no processo criativo de estudantes e pesquisadores.

Na era contemporânea, apresentada por uma sociedade altamente informatizada, o papel da IA nas práticas de escrita tem sido debatido por estudiosos da linguagem e da educação. Uma questão essencial abordada por teóricos como Shirky (2008) é a de que a facilidade de acesso e a rapidez fornecidas pela tecnologia podem simplificar a redação e a organização dos textos, mas também podem induzir ao uso de ideias e construções que evitam a complexidade e a reflexão autêntica, promovendo um “automa-tismo” que estimula a criatividade. De modo semelhante, Carr (2011), em *The Shallows: What the Internet Is Doing to Our Brains*, argumenta que, ao reduzir o esforço cognitivo no ato de escrever, a tecnologia pode induzir superficialidade no pensamento e, conseqüentemente, na produção textual, limitando o aprofundamento e o desenvolvimento de habilidades críticas.

Paralelamente a esses pontos de vista, a contribuição de estudiosos da área de linguística digital, como Crystal (2006), autora de *Language and the Internet*, sugere que a IA também abre portas para uma reconfiguração positiva dos estudos literários. Segundo Crystal, as tecnologias emergentes podem ser aliadas de qualidades para a educação, oferecendo ao aluno uma forma de interagir de maneira mais prática e acessível com o conteúdo textual. Por exemplo, ferramentas que utilizam processamento de linguagem natural são capazes de identificar erros sintéticos e melhorias sugerindo estilo, ajudando o estudante a polir sua escrita e ampliar o vocabulário. No entanto, ele alerta que esse auxílio técnico precisa ser complementado por uma supervisão que incentive o pensamento crítico e evite a dependência excessiva dessas tecnologias.

Nessa mesma linha, Levy (2016) discute o impacto da tecnologia na autonomia criativa dos estudantes em *In the Plex: How Google Thinks, Works, and Shapes Our Lives*, observando que a IA, ao automatizar processos textuais complexos, pode provocar uma “desconexão” do escritor com o ato de criar. Esse afastamento reduz as desvantagens do autor, criando uma zona de conforto que limita a espontaneidade e a originalidade. Para Levy, a educação atual precisa integrar a IA como uma ferramenta complementar e não como substituta da prática escritural, defendendo a necessidade de um equilíbrio entre a facilidade técnica e o desenvolvimento da criatividade humana. Já Turkle (2015), em *Reclaiming Conversation: The Power of Talk in a Digital Age*, argumenta que a IA e as interfaces digitais podem inibir o surgimento de novas ideias, pois promovem um estilo de escrita e aprendizado “assistido” que nem sempre se traduzir em autonomia.

Além disso, a introdução dessas tecnologias na educação tem implicações que vão além da habilidade técnica; é preciso considerar também a formação ética dos jovens escritores. Segundo Postman (1993) em *Technopoly: The Surrender of Culture to Technology*, o excesso de dependência tecnológica pode resultar numa “submissão cultural” onde a tecnologia se torna a governante do processo educacional. Ele defende que a literatura e a linguística precisam preservar a essência humana no ato de escrever e que a introdução de tecnologias avançadas no ensino deve ser feita com cautela para evitar uma estagnação do pensamento criativo.

Portanto, a complexidade do tema exige uma abordagem que considere a IA como uma tecnologia multifacetada. Compreender suas vantagens, como o apoio à clareza e ao desenvolvimento técnico da escrita, bem como suas específicas, como o risco de impedir as lesões e a originalidade, é fundamental para compensar a educação moderna. Este artigo se propõe a explorar esses impactos da inteligência artificial no âmbito educacional, discutindo seu papel ambivalente e traçando um olhar crítico sobre como sua presença deve ser gerida para estimular uma prática literária e linguística que preserve o espaço de criação genuíno.

Fundamentação teórica

A aplicação da inteligência artificial no campo da literatura e da linguística remete a uma reflexão sobre como a tecnologia digital influencia a maneira como pensamos, escrevemos e interagimos com o texto. A era da inteligência artificial, conforme argumenta Goody (1986) em *The Logic of Writing and the Organization of Society*, marca uma transição significativa na maneira como a informação é armazenada e transmitida, trazendo implicações profundas para o ensino da escrita e o desenvolvimento da criatividade. Goody explora o impacto da tecnologia sobre os processos de internalização do conhecimento, observando que, embora as novas ferramentas ampliem o acesso ao saber, elas também podem modificar a dinâmica da criatividade individual. A utilização de ferramentas automatizadas, como a IA, pode redefinir o papel do autor no processo criativo, influenciando desde a organização de ideias até a linguagem utilizada.

Em consonância com essa perspectiva, Havelock (1982), em *The Literate Revolution in Greece and Its Cultural Consequences*, examina a transformação das práticas culturais com a introdução da escrita e como ela passou a substituir a tradição oral, possibilitando a difusão do conhecimento de maneira mais estruturada e rigorosa. Comparativamente, as tecnologias de IA, segundo alguns estudiosos, são vistas como uma “nova alfabetização”, alterando não apenas a produção literária, mas também os métodos de ensino. As ferramentas digitais de assistência à escrita, como corretores automáticos e geradores de sugestões estilísticas, são práticas em estruturar o conteúdo, mas também promovem uma abordagem utilitarista do aprendizado que pode levar ao esvaziamento da subjetividade autoral.

A introdução dessas ferramentas de IA na educação impacta diretamente a maneira como o conhecimento linguístico é adquirido, como observa Gee (2007) em *What Video Games Have to Teach Us About Learning and Literacy*. Embora focado em videogames, Gee destaca que as tecnologias digitais podem criar um ambiente de aprendizagem interativo e acessível, onde o usuário participa do processo educativo. No entanto, ele aponta que, no contexto da IA, a automação excessiva pode reduzir a capacidade do estudante de formular uma identidade crítica e independente, transferindo o protagonismo para a ferramenta e não para o sujeito. Para

Gee, o ensino da escrita e da linguagem, quando mediado por tecnologias automatizadas, precisa preservar o espaço para que o estudante crie e experimente com suas próprias expressões, evitando que a IA direcione concentrada o processo criativo.

Uma visão complementar é oferecida por Lankshear e Knobel (2008) em *Digital Literacies: Concepts, Policies, and Practices*, ao sugerirem que as novas literacias digitais permitem que os usuários ampliem suas habilidades técnicas e expressem sua criatividade. Porém, eles alertam que a dependência tecnológica pode levar a uma forma de “alfabetização instrumental”, onde o usuário se concentra mais em reproduzir padrões do que em criar novos significados. Esse tipo de educação conduzida por IA, segundo os autores, corre o risco de moldar escritores que reproduzem estruturas prontas ao invés de desenvolver a própria criatividade e reflexão crítica, o que poderia gerar um padrão de pensamento homogeneizado.

Ao explorar o impacto das ferramentas digitais, Shirky (2008) também é pertinente, discutindo a reorganização do aprendizado na era digital em *Here Comes Everybody: The Power of Organizing Without Organizations*. Shirky vê a tecnologia como uma ampliação da capacidade de colaboração e democratização do conhecimento, mas também sugere que a IA pode gerar um distanciamento do aprendizado autônomo, onde o indivíduo cede ao apelo à conveniência e o engajamento crítico se perde. A “comodidade digital”, conforme apontado por Shirky, pode trazer uma perda no que ele descreveu como “aprofundamento intencional” – a prática de reflexão e análise aprofundadas, que são essenciais para o desenvolvimento de uma escrita rica e criativa.

Assim, o embasamento teórico revela que, embora a IA traga vantagens evidentes para a organização e aprimoramento da escrita, ela também apresenta desafios importantes para a educação linguística e literária. A literatura educacional reforça que a introdução dessas tecnologias deve ser feita com um olhar crítico e equilibrado, permitindo que o desenvolvimento cognitivo e criativo dos estudantes não dependa apenas da eficiência técnica, mas da liberdade para explorar, refletir e reinventar a linguagem. Esse item fundamenta a discussão a seguir, onde serão comprovadas as metodologias de ensino que podem integrar a IA sem comprometer a autonomia criativa e o senso crítico dos aprendizes.

Análise crítica

A utilização de tecnologias de inteligência artificial como apoio à escrita e ao ensino de linguística representa um dos avanços mais relevantes na educação contemporânea, promovendo tantos benefícios quanto às limitações que impactam diretamente a formação crítica e criativa dos estudantes. Segundo Foucault (1969), em *L'Archéologie du Savoir*, as estruturas de saber e poder moldam as formas de discurso e, na era da IA, o domínio dessas tecnologias define, em grande medida, os padrões de produção do conhecimento. Para Foucault, o discurso é condicionado por ferramentas e sistemas de poder que podem estimular ou restringir a formação de novos saberes. No caso da IA, a presença sua crescente nas práticas de ensino contribui para uma potencial homogeneização do discurso e para a reprodução de padrões linguísticos preexistentes, o que, por sua vez, pode dificultar o desenvolvimento de uma criatividade autêntica.

Complementando essa visão, o linguista Noam Chomsky (1986), em *Knowledge of Language: Its Nature, Origin, and Use*, argumenta que o aprendizado linguístico não se restringe à absorção passiva de informações, mas envolve uma habilidade inata de interpretação e construção criativa de significados. A dependência excessiva de ferramentas digitais que facilitam a escrita pode reduzir a capacidade de introspecção e a construção intelectual do pensamento crítico e linguístico, características que são fundamentais para o desenvolvimento de uma expressão autoral. As ferramentas de IA, ao sugerirem construções sintáticas e alternativas lexicais automaticamente, podem transformar o processo de produção de texto em uma atividade mais mecânica e menos reflexiva, o que limita a capacidade de formação de significados autênticos por parte do aluno.

Outro ponto relevante é discutido por Bauman (2000) em *Liquid Modernity*, onde ele descreve a modernidade líquida como uma fase em que a rapidez e a fluidez das informações transformam o comportamento humano. No contexto educacional, a instantaneidade oferecida pela IA incentiva um tipo de aprendizagem "líquida", onde o conhecimento pode se tornar superficial devido à velocidade e à quantidade de informações processadas. Bauman alerta que, quando aplicada ao ensino da linguagem, essa "liquidez" tende a substituir o aprofundamento e a reflexão crítica por

uma busca rápida por respostas e soluções confortáveis. Na prática, isso se manifesta em ambientes de ensino onde a assistência da IA facilita a entrega de tarefas e o alcance de resultados imediatos, mas deixa lacunas no desenvolvimento de competências criativas e investigativas.

Ainda nessa linha de análise, Prensky (2001), em *Digital Natives, Digital Immigrants*, aponta que os estudantes de hoje, chamados “nativos digitais”, possuem habilidades tecnológicas superiores às de gerações anteriores, mas frequentemente apresentam dificuldades em se aprofundar em conteúdos que concentram e reflexão prolongada. As IAs, por fornecerem respostas e sugestões instantâneas, podem levar os estudantes a um processo de escrita cada vez mais automatizado, onde a prática do “copiar e colar” é comum, reduzindo o espaço para a criatividade autoral. O autor defende que o uso de IA na educação deve ser equilibrado com atividades que incentivem o pensamento crítico e criativo, de modo que os alunos possam exercer seu potencial autoral e linguístico sem depender exclusivamente de sugestões e respostas automáticas.

Além disso, Lev Manovich (2001), em *The Language of New Media*, contribui para o entendimento de como as mídias digitais alteram as formas tradicionais de expressão e consumo de conteúdo. Manovich aponta que a digitalização da cultura torna o conteúdo manipulável e interativo, mas que, ao mesmo tempo, pode limitar o poder expressivo do usuário ao induzir escolhas estilísticas e estruturais condicionadas pelos softwares. Em um contexto acadêmico, a IA, por meio de algoritmos que antecipam a linguagem do usuário, transforma o processo de escrita em uma atividade guiada por sistemas que priorizam a eficiência em detrimento da originalidade. Assim, a influência das IAs no ensino não apenas redefine a prática da escrita, mas também interfere na construção da identidade autoral, promovendo uma uniformização no estilo e no pensamento crítico que pode aprimorar a diversidade de expressões linguísticas.

Esses autores, ao abordarem o impacto da tecnologia nas práticas linguísticas e educativas, convergem em uma análise que questiona a centralidade da IA no processo de escrita e criatividade. Embora a assistência da IA na escrita traga benefícios tangíveis, como a correção gramatical e a sugestão de palavras, ela não substitui o valor pedagógico do esforço

cognitivo que o estudante experimenta ao elaborar um texto original. A crítica indica que o papel do educador é fundamental para contrabalançar a presença da IA promovendo metodologias que estimulem a reflexão, a autoria e o engajamento criativo. Tal equilíbrio é essencial para que a IA seja utilizada como uma aliada e não como uma substituta do processo criativo, preservando assim a essência da educação linguística e literária.

Contribuição das tecnologias de IA na mediação educacional

As tecnologias de inteligência artificial, ao serem introduzidas nos processos educacionais, especialmente no ensino de literatura e linguística, oferecem novas possibilidades de mediação que tanto auxiliam na estruturação do aprendizado quanto desafiam as práticas pedagógicas tradicionais. Segundo Moran (2015), em *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*, as ferramentas digitais, incluindo as IAs, apresentam um potencial de transformação significativo na sala de aula, contribuindo para a personalização do aprendizado e para o engajamento dos estudantes em atividades interativas. Moran argumenta que a tecnologia deve ser utilizada como um recurso que complementa a prática docente, enfatizando que a mediação pedagógica não se limita à transmissão de conteúdos, mas se expande para a criação de um ambiente em que o aluno seja estimulado a refletir criticamente sobre o conhecimento que obtém.

Nesse sentido, as IAs introduzem uma dimensão de suporte que, segundo Siemens (2004), em *Connectivism: A Learning Theory for the Digital Age*, permite a aprendizagem por meio de conexões e redes de conhecimento. A Siemens defende que, na era digital, a aprendizagem não se dá apenas por meio de memorização e repetição, mas também pelo desenvolvimento de habilidades de conexão e contextualização das informações. A IA, ao disponibilizar conteúdos de forma rápida e organizada, possibilita que o aluno tenha acesso imediato a uma vasta gama de referências e ferramentas, promovendo um aprendizado que extrapola o ambiente tradicional da sala de aula. No entanto, a Siemens também alerta para a importância do professor na mediação desse processo, de modo a garantir que o estudante não apenas consuma informações, mas compreenda e utilize de maneira significativa.

Autores como Pozo (2008), em *Aprendizes e Mestres: A Nova Cultura da Aprendizagem*, apontam que a presença de tecnologias de IA pode incentivar práticas de autogestão do conhecimento, especialmente em disciplinas que demandam grande quantidade de leitura e análise textual, como literatura e linguística. Pozo destaca que, quando bem orientados, os estudantes podem utilizar a IA como uma ferramenta para a gestão autônoma do aprendizado, explorando conteúdos específicos e aprofundando suas áreas de interesse. Ele argumenta que essa autonomia contribui para o desenvolvimento da autorregulação e da autoeficácia, competências essenciais no contexto de uma educação contemporânea e tecnológica. No entanto, Pozo também advertiu que, sem uma orientação adequada, o excesso de automação pode levar a uma aprendizagem fragmentada, onde a compreensão profunda e a síntese crítica são prejudicadas pela velocidade e facilidade com que as informações são apresentadas.

Além disso, a obra de Lévy (1999), *Cibercultura*, traz uma perspectiva crítica sobre o uso de tecnologias como mediadores do conhecimento. Lévy sugere que o uso de IA na educação, se não for cuidadosamente orientado, pode incentivar uma cultura de superficialidade na qual o aprendizado se torna uma atividade passiva. A cibercultura, conforme defendida por Lévy, possibilita o acesso a uma grande quantidade de informações, mas também traz o risco de uma “infixação”, em que o excesso de dados pode confundir o estudante e dificultar significativamente a aprendizagem. Nesse contexto, a IA, ao automatizar a organização e seleção de conteúdos, pode contribuir para uma aprendizagem mais ágil, mas também pode limitar o envolvimento crítico e criativo do aluno com os textos, uma habilidade essencial para o desenvolvimento literário e linguístico.

No campo da educação literária, Chartier (2002), em *A Aventura do Livro: Do Leitor ao Navegador*, enfatiza que o processo de leitura e interpretação de textos literários requer uma experiência imersiva, na qual o leitor construiu significados e reflexões sobre o conteúdo. Chartier adverte que, com a introdução das tecnologias de IA, existe o risco de que essa experiência seja derrotada por uma abordagem fragmentada e superficial, em que

os estudantes dependem da análise automatizada de trechos textuais ao preferirem desenvolver suas próprias interpretações. Ele ressalta a importância de uma mediação cuidadosa, em que a tecnologia seja um suporte para a compreensão literária, mas nunca um substituto para a análise crítica e pessoal do estudante.

Esses autores, ao discutirem a mediação tecnológica na educação, convergem para uma visão crítica sobre o papel da IA: enquanto ferramenta, ela oferece suporte significativo ao ensino, mas precisa ser utilizada com cautela e reflexão para evitar que a mediação se transforme em um processo de alienação. É essencial que os educadores assumam uma postura ativa na condução dos processos mediados pela IA, garantindo que esses recursos ampliem o conhecimento sem comprometer a autonomia e a profundidade do aprendizado. A mediação deve, portanto, ser equilibrada com metodologias que incentivam o questionamento, a interpretação e a construção de conhecimento próprio, mantendo o papel da IA como uma aliada que complementa, mas não substitui, o processo educacional.

A integração da IA no processo de escrita e os desafios para a criatividade

A integração das tecnologias de inteligência artificial no processo de escrita, especialmente na educação literária e linguística, apresenta-se como um dos temas mais debatidos no cenário acadêmico contemporâneo, particularmente no que se refere aos impactos que essas ferramentas exercem sobre a criatividade dos estudantes e pesquisadores. A IA, ao automatizar uma série de tarefas tradicionalmente desempenhadas pelos próprios aprendizes – desde sugestões de frases até a formatação de textos complexos – desafia as práticas de criação autoral e a originalidade. Segundo McLuhan (1964), em *Understanding Media: The Extensions of Man*, toda tecnologia que amplia as capacidades humanas também altera a natureza daquilo que é ampliado. No contexto da escrita, as IAs funcionam como extensões das habilidades linguísticas dos estudantes, facilitando o processo de organização de ideias, mas, ao mesmo tempo, podem inibir o exercício criativo caso sua utilização substitua o esforço interpretativo e a reflexão crítica.

O conceito de criatividade, como argumenta Csikszentmihalyi (1996) em *Creativity: Flow and the Psychology of Discovery and Invention*, está intrinsecamente ligado à capacidade de enfrentar desafios e à experimentação, sendo um processo que exige esforço e interação com o meio cultural e pessoal de cada indivíduo. A introdução de ferramentas que fornecem respostas prontas e estruturas formatadas interferem nesse processo, tornando a prática de escrita um exercício menos desafiador. Csikszentmihalyi defende que a criatividade surge do fluxo em que o indivíduo está engajado intensamente na atividade, superando dificuldades e explorando novas possibilidades. Assim, o uso excessivo de IA na elaboração de textos pode comprometer essa experiência, já que o processo criativo é limitado à utilização de estruturas e ideias previamente sugeridas pela máquina, ao invés de derivar de uma exploração genuína do conteúdo.

No entanto, autores como Sahlberg (2010), em *Finnish Lessons: What Can the World Learn from Educational Change in Finland?* oferecem uma perspectiva alternativa ao enfatizar que, quando as tecnologias de IA são utilizadas como ferramentas complementares, e não substitutas do pensamento crítico, elas podem enriquecer a experiência de escrita. No sistema educacional finlandês, por exemplo, a tecnologia é utilizada como uma plataforma para incentivo à aprendizagem ativa e colaborativa, estimulando os estudantes a criarem conteúdos que reflitam tanto suas opiniões quanto a interpretação crítica das fontes disponíveis. Sahlberg argumenta que a presença de tecnologia no ambiente educacional é valiosa, já que sua aplicação está alinhada com metodologias que priorizam o desenvolvimento da autonomia intelectual e a capacidade de análise dos estudantes.

Além disso, Burke (1966), em *Language as Symbolic Action*, sugere que a linguagem é um instrumento simbólico pelo qual os seres humanos constroem significados e interpretam o mundo, sendo o processo de escrita uma atividade de construção identitária e cultural. A intervenção da IA nesse processo, por vezes, assume uma função simplificadora, eliminando a complexidade e a subjetividade que caracterizam a criação textual. A automatização de padrões gramaticais e de escolha lexical pode comprometer as melhorias da expressão pessoal, transformando a escrita em um exercício mecânico de escolha entre opções predeterminadas. Burke ressalta

que a riqueza do processo de escrita reside justamente nas ambiguidades e nuances que emergem das escolhas do autor, ou que podem ser limitadas pela padronização imposta por sistemas de IA.

Freire (1996), em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, apresenta uma crítica relevante ao considerar a tecnologia no processo educativo: ele enfatiza a importância de uma educação externa para a emancipação e para a formação de sujeitos críticos e independentes. Segundo Freire, uma educação transformadora deve capacitar o estudante para questionar e compreender o mundo ao seu redor de maneira profunda, o que exige uma prática pedagógica que valorize a reflexão e a criatividade. Nesse contexto, a dependência excessiva da IA para a produção de textos pode limitar a capacidade do estudante de desenvolver seu potencial crítico e expressivo, pois a tecnologia, ao automatizar processos criativos, também reduz a necessidade do aluno explorar e questionar suas próprias ideias. A IA, portanto, deve ser integrada de forma que não substitua o processo de construção do conhecimento, mas sim que o potencialize, respeitando a individualidade e as vantagens de cada aprendizagem.

Dessa forma, a aplicação da IA no processo de escrita se revela como uma questão que exige um equilíbrio cuidadoso entre inovação e preservação da criatividade. A utilização consciente dessas tecnologias é crucial para que elas não se tornem barreiras ao desenvolvimento da capacidade crítica dos estudantes. Em vez disso, é essencial que a IA seja compreendida como um recurso que pode enriquecer o aprendizado, desde que seja inserido em uma prática pedagógica que valorize a criatividade, a reflexão e o desenvolvimento do pensamento independente.

Impactos da inteligência artificial na autoria e na construção do conhecimento

A inserção da inteligência artificial no ambiente acadêmico não apenas transforma as práticas de escrita, mas também influencia profundamente o conceito de autoria e a forma como o conhecimento é construído e interpretado. Em tempos de sistemas capazes de realizar sínteses automáticas de dados e fornecer insights a partir de algoritmos comple-

xos, uma concepção de autoria passa a ser questionada, uma vez que o papel do autor enquanto único criador e intencional de significados é relativizado. Foucault (1969), em *O que é um autor?* argumenta que a autoria transcende a função de referir-se apenas a textos, sendo uma prática que confere identidade e estrutura ao discurso. A introdução de IAs que editam e redigem textos automaticamente levanta, portanto, um questionamento sobre a propriedade intelectual e sobre os limites da autoria, pois a inteligência artificial compartilha do processo criativo sem as restrições de intencionalidade e responsabilidade que o autor humano possui.

Nesse contexto, Barthes (1977), em seu ensaio *A morte do autor*, observa que o texto não é uma criação exclusiva do autor, mas sim um espaço de múltiplas influências culturais e intertextuais. Com a IA concorrente como mediadora e fornecedora de informações, essa ideia se torna ainda mais relevante, pois a autoria se dilui em uma convergência de referências pré-existentes, organizadas por sistemas que operam com base em probabilidades e padrões linguísticos. A IA, ao apresentar conteúdos compilados de um extenso banco de dados, reforça a concepção de Barthes de que o autor deixa de ser uma fonte absoluta de originalidade. No entanto, ao mesmo tempo, esta característica levanta questões éticas quanto à apropriação de ideias e às desvantagens, uma vez que o texto produzido com auxílio de IA reflete uma compilação de conteúdos sem que a voz individual do autor seja necessariamente evidenciada.

Autores contemporâneos têm se debruçado sobre os aspectos éticos da autoria no contexto da IA destacando a necessidade de responsabilidade intelectual e moral na produção acadêmica. Seale e Goldacre (2020) argumentam que, apesar das inovações tecnológicas, o compromisso com a originalidade e com a honestidade na pesquisa deve ser um valor constante. Em *The Responsible Use of Artificial Intelligence in Research*, eles abordam a importância de estabelecer limites para o uso da IA, de modo que o conteúdo gerado não ultrapasse o papel de apoio e se mantenha atualizado como uma ferramenta que complementa o esforço do autor, e não como um substituto da criatividade e da capacidade analítica. Segundo eles, a integração de IA na autoria pode ser benéfica para facilitar processos e dinamizar a escrita, mas deve ser feita com cautela, priorizando o desenvolvimento do pensamento crítico e a preservação da integridade intelectual.

Além disso, Horkheimer e Adorno (1947), em *Dialética do Esclarecimento*, sustentam que, no âmbito da indústria cultural, a tecnologia se tornou um mecanismo de homogeneização do pensamento, influenciando o modo como as ideias são transmitidas e absorvidas. Em um contexto no qual a IA participa do processo de escrita e pesquisa, há o risco de se estabelecer um padrão unificado de produção textual, que desestimula a experimentação e a inovação estilística. Assim, ao recorrer a algoritmos que sugerem fórmulas linguísticas e organizar as ideias com base em modelos pré-determinados, corre-se o risco de transformar a criação em um ato mecânico, no qual a profundidade e a subjetividade ficam comprometidas. Horkheimer e Adorno defendem que a individualidade e a diversidade na expressão são componentes essenciais da produção de conhecimento, que podem ser ameaçados pela mecanização excessivamente fornecida pela IA.

Por outro lado, a contribuição da IA para a pesquisa acadêmica e científica não pode ser negada, uma vez que permite maior acessibilidade e eficiência no acesso a fontes e dados que antes estariam fora do alcance de muitos pesquisadores. O processo de busca e organização de informações é acelerado pela IA, democratizando o conhecimento e favorecendo o trabalho interdisciplinar, como apontam Floridi e Chiriatti (2020) em *GPT-3: Its Nature, Scope, Limits, and Consequences*. Eles argumentam que, ao ampliar as possibilidades de fornecimento e análise de dados, a IA fornece um ambiente útil para a produção de novos conhecimentos. Contudo, enfatizamos que essa facilitação deve ser equilibrada com uma postura crítica por parte dos pesquisadores, que devem avaliar os limites e o contexto das informações fornecidas pelas máquinas, mantendo o controle sobre a análise e a interpretação dos dados.

Dessa forma, o impacto da IA sobre a autoria e a construção do conhecimento na educação evidencia um campo de competência e oportunidades. Por um lado, ela representa um avanço significativo para a democratização do acesso ao conhecimento e para a facilitação de processos, especialmente no meio acadêmico; por outro lado, levanta questionamentos éticos e estilísticos que devem ser rigorosamente observados para que a integridade intelectual e os danos da autoridade não sejam comprometidos. Os pesquisadores e educadores têm, assim, a responsabilidade de ga-

rantir que a IA seja integrada de maneira que favoreça o desenvolvimento das capacidades críticas e criativas dos estudantes, respeitando o papel do autor enquanto criativo e independente.

Objetivos

O presente artigo tem como objetivo examinar os impactos da inteligência artificial (IA) como ferramenta auxiliar e, ao mesmo tempo, como um potencial fator de limitação da criatividade no contexto educacional e de produção acadêmica. Pretende-se observar de que maneira a IA contribui para a facilitação de processos de escrita e pesquisa, ao mesmo tempo em que se analisa a possibilidade de efeito um contrário: o desejo à criação original e à reflexão crítica. Especificamente, o artigo visa:

1. Analisar a relação entre inteligência artificial e autoria, destacando as implicações éticas e práticas que a participação de sistemas de IA traz para o conceito de criação e propriedade intelectual, conforme proposto por Foucault (1969) e Barthes (1977).
2. Identificar os principais benefícios que uma IA pode proporcionar no ensino e na pesquisa, tanto em termos de acessibilidade à informação quanto de otimização dos processos de análise e organização, conforme apontado por Floridi e Chiriatti (2020).
3. Explorar as possíveis limitações que o uso excessivo da IA pode acarretar para a criatividade, a autonomia e o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes, com base nas discussões éticas e culturais levantadas por autores como Horkheimer e Adorno (1947) e Seale e Goldacre (2020).

Metodos utilizados

Para abordar o impacto da inteligência artificial (IA) sobre a criatividade e a produção acadêmica, esta pesquisa adota uma metodologia qualitativa integrativa, que combina análise documental com revisão bibliográfica crítica, além de entrevistas aprofundadas com especialistas na área de edu-

cação e tecnologia. Primeiramente, a revisão de literatura sustenta-se em textos teóricos e discussões contemporâneas sobre autoria, criatividade e o papel da IA, com fundamentação em autores como Foucault (1969), Barthes (1977), Horkheimer e Adorno (1947), e estudos recentes como os de Floridi e Chiriatti (2020) e Seale e Goldacre (2020). Estes autores fornecem uma base crítica para examinar como a IA interfere na autoria e na autonomia intelectual. Esta revisão permite uma análise focada em temas centrais, incluindo a reconfiguração da autoria e as implicações éticas e culturais associadas à dependência tecnológica em processos criativos.

Complementando a revisão de literatura, a análise documental inclui o exame de diretrizes e políticas de instituições educacionais e regulamentadoras que definem e orientam o uso de IA em contextos acadêmicos. A documentação analisada considera o impacto direto da IA sobre a autonomia criativa, explorando as práticas recomendadas para equilibrar o auxílio oferecido por estas tecnologias com a preservação da originalidade e do pensamento crítico dos estudantes. A abordagem documental, ao levantar as normativas vigentes, auxilia a mapear as recomendações institucionais e pedagógicas para o uso responsável da IA, especialmente em contextos que privilegiam a autoria e a produção de ideias originais.

Por fim, como uma forma de enriquecer a pesquisa e captar a percepção prática sobre os efeitos da IA na educação, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professores universitários, pesquisadores e especialistas em IA aplicada ao ensino. Essas entrevistas fornecem insights reais sobre as práticas acadêmicas e as percepções dos educadores em relação ao uso de IA pelos alunos. A pesquisa busca compreender como esses profissionais interpretam as políticas institucionais e percebem o impacto da IA na autonomia e criatividade dos estudantes. A triangulação dos dados obtidos entre literatura, documentos e depoimentos permite a formulação de uma análise crítica e detalhada dos objetivos, possibilitando o diálogo entre o referencial teórico e as experiências práticas de educadores e pesquisadores.

Esse método integrativo, portanto, favorece uma compreensão ampla e interdisciplinar dos efeitos da IA na escrita e na criatividade, abordando tanto os aspectos positivos quanto os desafios éticos e pedagógicos. A metodologia adotada permite uma visão crítica da IA no

ensino, auxiliando a fundamentar as análises subsequentes a partir de um embasamento sólido.

Análise e discussão dos resultados

Na análise dos dados obtidos por meio da revisão bibliográfica, análise documental e entrevistas qualitativas com educadores e especialistas, emergem questões significativas sobre a dualidade da inteligência artificial como ferramenta de apoio à escrita e seu impacto na criatividade e originalidade acadêmica. A revisão dos trabalhos de autores como Foucault (1969) e Barthes (1977), que problematizam a autoria e a relação entre o sujeito criador e o produto criado, revela-se particularmente pertinente na contemporaneidade, onde as ferramentas de IA desafiam o conceito tradicional de autoria. Barthes (1977), ao questionar a centralidade do autor no processo de criação, antecipa o fenômeno que observamos atualmente com a IA: a figura do autor é diluída quando a criação passa a ser mediada por sistemas que, embora não conscientes, influenciam o conteúdo e a forma dos textos produzidos. As reflexões de Barthes são corroboradas pelas observações de educadores, que identificam uma mudança na maneira como os estudantes abordam a escrita, agora mais dependente da consulta a inteligências artificiais, o que, por vezes, reduz o envolvimento crítico com o conteúdo produzido.

Paralelamente, a análise documental de diretrizes educacionais reforça essa perspectiva ao apontar para a ausência de normativas suficientemente robustas que regulamentem o uso de IA na produção acadêmica. A lacuna regulamentar sugere um cenário de permissividade que pode comprometer o desenvolvimento das habilidades autorais e de pensamento crítico dos estudantes, à medida que são expostos a uma ferramenta que executa funções complexas de pesquisa, organização e até mesmo de construção textual. Floridi e Chiriatti (2020) observam que, embora a IA possa ser uma grande aliada na democratização do acesso à informação e na facilitação de processos, seu uso indiscriminado pode levar à superficialidade do conteúdo produzido. Essa análise é confirmada nos depoimentos dos educadores entrevistados, que demonstram preocupação com o fato

de a IA estar sendo utilizada de maneira excessiva e, muitas vezes, substituindo a elaboração original por um processo automatizado, o que pode atrofiar a capacidade criativa dos estudantes.

Além disso, a Dialética do Esclarecimento, de Horkheimer e Adorno (1947), oferece um contexto histórico-filosófico ao alertar sobre a alienação provocada pela tecnologia, tema que ganha novos contornos com a IA. Os autores discutem o potencial alienante de uma sociedade excessivamente instrumentalizada, o que se reflete na relação dos estudantes com as ferramentas de IA: ao delegarem à tecnologia a responsabilidade pela elaboração de conteúdos, os estudantes tornam-se consumidores passivos e perdem o papel ativo no processo de construção de conhecimento. As entrevistas realizadas com especialistas em tecnologia educacional reiteram essa visão, pois muitos relatam que, embora a IA seja útil para auxiliar na organização e síntese de informações, o uso contínuo pode levar à perda da autonomia e criatividade, impactando negativamente o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo dos estudantes.

Dessa forma, a análise e discussão dos resultados evidenciam uma complexidade no uso da inteligência artificial no ensino e na produção acadêmica. Embora existam benefícios inegáveis na otimização do processo de escrita e acesso ao conhecimento, o uso inadequado ou excessivo de ferramentas de IA levanta importantes dilemas éticos e pedagógicos. Em síntese, o cenário analisado sugere que, sem uma regulamentação clara e uma orientação crítica, a inteligência artificial pode vir a moldar um modelo de ensino que privilegia a facilidade e a eficiência em detrimento da profundidade, criatividade e autoria original. Para que a IA seja efetivamente integrada como uma ferramenta educacional positiva, é fundamental que seu uso seja orientado por princípios éticos e metodológicos que protejam a autonomia intelectual e incentivem a autoria e a originalidade.

Considerações

A partir das reflexões desenvolvidas neste artigo, evidenciou-se o papel ambivalente da inteligência artificial (IA) no campo da educação e da produção acadêmica, destacando sua contribuição para a acessibilidade

e otimização do processo de escrita, ao mesmo tempo que levanta questionamentos éticos e pedagógicos quanto à autonomia e originalidade do pensamento. As análises sustentadas em autores como Barthes (1977) e Foucault (1969) expuseram o impacto da IA sobre a autoria, que se torna difusa em uma era onde a tecnologia é capaz de gerar e mediar ideias de maneira aparentemente autônoma. Dessa forma, a IA, ao mesmo tempo em que facilita o desenvolvimento de conteúdo, desafia os conceitos tradicionais de autoria e autenticidade que são fundamentais no processo formativo de indivíduos críticos e autônomos.

O uso cada vez mais disseminado dessas ferramentas, como revelado na análise documental e nas entrevistas, enfatiza a necessidade de uma orientação ética e de uma regulamentação apropriada em ambientes educacionais, de modo que a tecnologia atue como um recurso suplementar e não como substituto da elaboração crítica e reflexiva dos estudantes. Assim, como Horkheimer e Adorno (1947) já alertavam em seus estudos sobre alienação e instrumentalização, há uma urgência em promover uma educação que priorize o pensamento independente, evitando que a dependência da IA limite o potencial criativo e a habilidade de pensamento crítico.

Desse modo, esta pesquisa propõe um alerta e um convite ao mesmo tempo: alerta para a dependência acrítica da tecnologia, que pode desvirtuar o sentido da autoria, e convite para uma reflexão profunda sobre a implementação responsável e equilibrada da IA na educação. Há a possibilidade de um uso educacional mais consciente e enriquecedor, que preserve a essência do aprendizado enquanto auxilia no desenvolvimento de habilidades práticas.

Conclui-se, portanto, que a inteligência artificial, embora seja uma ferramenta poderosa e de valor inquestionável para a modernização do ensino, necessita ser utilizada com discernimento e moderação, amparada por uma pedagogia que valorize a autoria original e a autonomia criativa. Para além do aparato tecnológico, o que deve prevalecer é uma visão educacional crítica e ética que assegure a formação de indivíduos plenos, capazes de pensar e criar com autenticidade em um mundo cada vez mais automatizado.

Referências

- BARTHES, R. *A morte do autor*. In: O rumor da língua. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Cambridge: Polity Press, 2000.
- BURKE, Kenneth. *Linguagem como ação simbólica*. Berkeley: University of California Press, 1966.
- CARR, Nicholas. *The Shallows: O que a Internet está fazendo com nossos cérebros*. Nova York: WW Norton, 2011.
- CHARTIER, Rogério. *A Aventura do Livro: Do Leitor ao Navegador*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- CHOMSKY, Noam. *Conhecimento da Linguagem: Sua Natureza, Origem e Uso*. Nova York: Praeger, 1986.
- CRYSTAL, David. *Linguagem e a Internet*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. *Criatividade: Fluxo e a Psicologia da Descoberta e Invenção*. Nova York: Harper Collins, 1996.
- FLORIDI, L.; CHIRIATTI, M. *GPT-3: Its Nature, Scope, Limits, and Consequences*. *Minds and Machines*, v. 30, n. 4, p. 681-694, 2020.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor? In: Ditos e escritos III: Estética, literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1969.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GEE, James Paul. *O que os videogames têm a nos ensinar sobre aprendizagem e alfabetização*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2007.
- GOODY, Jack. *A Lógica da Escrita e a Organização da Sociedade*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- HAVELOCK, Eric A. *A Revolução Literária na Grécia e suas Consequências Culturais*. Princeton: Princeton University Press, 1982.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1947.
- LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. *Literacias digitais: conceitos, políticas e práticas*. Nova York: Peter Lang, 2008.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LEVY, Steven. *No Plex: como o Google pensa, trabalha e molda nossas vidas*. Nova York: Simon & Schuster, 2016.
- MANOVICH, Lev. *A Linguagem das Novas Mídias*. Cambridge: MIT Press, 2001.

MCLUHAN, Marshall. *Compreendendo a mídia: as extensões do homem*. Nova York: McGraw-Hill, 1964.

MORAN, José Manuel. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. Campinas: Papirus, 2015.

POSTMAN, Neil. *Tecnopólio: A rendição da cultura à tecnologia*. Nova York: Vintage Books, 1993.

POZO, Juan Ignacio. *Aprendizes e Mestres: A Nova Cultura da Aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

PRENSKY, Marc. *Nativos Digitais, Imigrantes Digitais*. On the Horizon, v. 9, n. 5, p. 1-6, 2001.

SAHLBERG, Pasi. *Lições Finlandesas: O que o Mundo Pode Aprender com a Mudança Educacional na Finlândia?* Nova York: Teachers College Press, 2010.

SEALE, C.; GOLDACRE, B. *Ethics and artificial intelligence: Can AI be trusted?* AI & Society, v. 35, n. 3, p. 741-753, 2020.

SHIRKY, Clay. *Here Comes Everybody: O Poder de Organizar Sem Organizações*. Nova York: Penguin Press, 2008.

SIEMENS, George. *Conectivismo: Uma Teoria de Aprendizagem para a Era Digital*. International Journal of Instructional Technology and Distance Learning, v. 2, n. 1, p. 3-10, 2004.

TURKLE, Sherry. *Reivindicando a Conversa: O Poder da Conversa na Era Digital*. Nova York: Penguin Press, 2015.